

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E ANÁLISE DA (RE)PRODUÇÃO SOCIOESPACIAL DO TURISMO NO CEARÁ

Camila Freire Sampaio

Mestre em Geografia – Universidade Estadual do Ceará

sampaiofcamila@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho busca enfatizar a educação geográfica e sua interface com o turismo, na medida em que apresenta a importância da mesma para análise da referida atividade na (re)produção sócio-espacial do Ceará. Como metodologia, utilizou-se levantamento bibliográfico, aplicação de 150 questionários e experiência em sala de aula para embasamento empírico. As discussões também ressaltam a necessidade da aproximação entre a teoria e a prática na Geografia, tendo em vista a produção de conhecimentos geográficos direcionados para o concreto, ou seja, para o mundo educativo, visando sua aplicabilidade no cotidiano social.

Palavras-chave: Educação geográfica; turismo e produção do espaço

GEOGRAPHICAL EDUCATION AND ANALYSIS OF THE TOURISM SOCIAL SPACE (RE) PRODUCTION IN CEARÁ

Abstract:

The present work aims to emphasize the geographic education and its interface with tourism, as much as its importance is showed for tourism analysis on Ceará's socio-spatial (re)production. The methods adpted were bibliographical survey, application of 150 questionnaires and experience in classroom for empirical basement. The discussions also point out the necessity of the approach between theory and practice on Geography, considering the production of directed geographic knowledge for the concrete, for educative world, aiming at its daily applicability in the social one.

Keywords: Geographic education; tourism and production of the space

Introdução

Há uma crítica, bastante pertinente, no interior da própria produção do conhecimento geográfico, no tocante a falta de unidade entre a pesquisa e o ensino. Percebe-se um grande distanciamento entre o que se produz em algumas áreas da ciência geográfica e sua aplicabilidade real no cotidiano da sociedade, sobretudo no âmbito escolar, onde os educandos não compreendem como se dá a relação da Geografia com o meio em que vivem.

Moraes (2005) faz um alerta para a necessidade de maior proximidade entre o que se produz nas universidades e o que se ensina nas escolas. Não seria esta a função social da ciência geográfica: educar para compreensão e análise crítica do mundo,

visando transformá-lo para melhor? De quê adianta tantas abstrações e poucas aplicações na vida difícil fora dos muros das universidades, já que, como bem falou Brabant (2005), a Geografia tem se apresentado sempre como a ciência do concreto?

Dessa forma, parte-se do seguinte questionamento: Como o Turismo, atividade de grande magnitude socioespacial no Ceará, deveria ser analisado e compreendido pelos alunos cearenses? Assim, este artigo nasce da “ânsia” pela reflexão teórica do turismo na prática de ensino da Geografia como um dos elementos para análise crítica e compreensão de mundo, ressaltando a urgência e importância da educação geográfica para a formação cidadã.

Evidente que não se trata de acreditar que o turismo carregue consigo a capacidade para desvendar a realidade, ou de impor-lhe esta função (o que seria irracional). Todavia, busca-se, com este trabalho, evidenciar que a partir da análise crítica da atividade turística, atividade esta que tem grande importância no Estado do Ceará, os educandos podem despertar para as contradições, segregação e desigualdades socioespaciais. Dessa forma, estes começariam a trilhar os caminhos para compreensão e transformação da sociedade.

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo ressaltar a relevância da educação geográfica da sociedade para compreensão crítica do mundo, visando uma atuação verdadeiramente consciente e cidadã, tendo como foco de análise o turismo por ser um poderoso vetor de (re)produção socioespacial.

Não se trata mais de nenhuma novidade científica o conhecimento de que a educação acontece por meio de várias “instituições” sociais e atividades humanas como família, mídia, grupo religioso, amigos etc, antecedendo e extrapolando a escola. Todavia, apesar desta constatação, pouco se tem realizado na prática, na medida em que se vive em uma sociedade, onde o quê mais se nota é a decadência/perversão do processo educacional.

Confirma-se, então, a importância da educação geográfica que está na necessidade de articulação entre as práticas de ensino e aprendizagem da Geografia, buscando-se a compreensão da complexa (re)organização socioespacial do mundo.

A educação geográfica apoiará os sujeitos-alunos a formarem uma consciência da espacialidade dos fenômenos vivenciados como parte da sua história sócio-cultural: consciência da possibilidade de intervenção no mundo, do agenciamento da condição de sujeitos nesse mundo. Assim, os atos de ler o mundo, indagar-se sobre ele, questioná-lo, explicá-lo, implicam – ao educador – entender a educação geográfica como processo que entende o sujeito-aluno enquanto agenciador, alguém que, ao ler o mundo, projeta um mundo; e a Geografia escolar assume capital relevância na formação da consciência espacial-cidadã. (NOGUEIRA E CARNEIRO, 2009, p.12):

Percebe-se o papel da educação geográfica na sociedade em que vivemos. Constatam-se, nas salas de aulas de ensinos fundamental e médio, alunos totalmente alheios ao por que dos acontecimentos que ocorrem o seu redor, comprovando o grau de alienação socioespacial, fato que denuncia uma educação geográfica deficiente. Assim, para proporcionar a efetivação da educação geográfica, a ciência tem como ferramenta inicial a Geografia escolar. Esta tem como objetivo:

Aumentar o conhecimento e a compreensão dos espaços nos contextos locais, regionais, nacionais, internacionais e mundiais e, em particular: conhecimento do espaço territorial; compreensão dos traços característicos que dão a um lugar a sua identidade; compreensão das semelhanças e diferenças entre os lugares; compreensão das relações entre diferentes temas e problemas de localizações particulares; compreensão dos domínios que caracterizam o meio físico e a maneira como os lugares foram sendo organizados socialmente; compreensão da utilização e do mau uso dos recursos naturais. (CASTELLAR 2005, p. 211)

No dizer de Nogueira e Carneiro (2009), a educação geográfica promove o desenvolvimento da consciência espacial dos educandos, em vista da sua atuação cidadã. Comprova-se assim a importância da Geografia para a construção da cidadania, pois a mesma está diretamente relacionada com nível de percepção e atuação socioespacial do indivíduo.

A noção de cidadania envolve o sentido que se tem do lugar e do espaço, já que se trata da materialização das relações de todas as ordens, próximas ou distantes. Conhecer o espaço é conhecer a rede de relações a que se está sujeito, da qual se é sujeito. Alienação do espaço e cidadania configuram um antagonismo a considerar. (DAMIANI 2001, p. 50)

A educação geográfica (que é a finalidade), através da geografia escolar (que é um dos meios), proporciona aos educandos a reflexão do mundo em que se vive, questionando o quadro social vigente do atual sistema capitalista e suas estruturas

contraditórias e alienantes, que anulam os sujeitos, excluindo grupos sociais e segregando espaços.

Breve análise do turismo no Ceará

Inevitável se torna falar de (re)produção sócio-espacial e não pensar na atuação das atividades econômicas neste processo. Entretanto, para a compreensão dessa relação, dos inúmeros elementos envolvidos e suas múltiplas facetas, torna-se imprescindível uma educação geográfica.

Como as demais localidades do território brasileiro, a sociedade cearense, ao longo de sua história, (re)produziu e (re)organizou os espaços sob a influência dos ciclos econômicos que vivenciava – seja da pecuária, do algodão, das indústrias etc. A partir da década de 1990, através de grandes incentivos públicos e ações da iniciativa privada, fortaleceu-se no Ceará, entre outras, uma atividade econômica e prática social típica de sociedade moderna com grande poder de (re)organização socioespacial– a atividade turística.

O turismo é considerado por alguns estudiosos como atividade econômica, para outros autores, uma prática e fenômeno sociais. No entanto, apesar de já estudado há algumas décadas, carece de maiores reflexões científicas, na medida em que na maioria das vezes é captado apenas em sua aparência, por meio de análises superficiais.

Grande parte da reestruturação sócio-espacial do litoral cearense faz-se para/ pelo lazer e turismo. Este último, apresenta-se como complexa atividade socioeconômica e espacial de grande importância em diversos países, devido à força de articulação e produção de serviços que implicam na reorganização dos espaços.

A produção sócio-espacial pelo turismo insere-se no contexto do reordenamento do espaço litorâneo, transformado em recurso econômico valorizado e importante produto no intenso mercado de terras e de lazer. A diversidade de praias e seu valor paisagístico são trabalhados simbolicamente para atração de turistas e investidores, intensificando a mercantilização do espaço.

Ideologicamente, responsabilizam-se as belezas naturais por atrair investimentos e por constituírem forte potencial turístico para o desenvolvimento do segmento "Sol e Praia", de grande demanda internacional, porém não se pode esquecer a reprodução do capital, pelas atividades turísticas e imobiliárias. Os fluxos de capitais alocam-se onde há melhores vantagens e o Nordeste brasileiro oferece facilidades aliadas às belezas naturais.

As origens do processo socioeconômico, responsável pelas reestruturações socioespaciais na área litorânea, remetem aos seguintes fatos: à expropriação de terras de pescadores para instalação dos empreendimentos imobiliários destinados ao veraneio das elites e à implantação de empreendimentos turísticos que geraram maior valorização do local. Ou seja, ocasionam a multiplicação de grandes empreendimentos de capital turístico e imobiliário.

No contexto da progressiva valorização litorânea e de busca da sociedade por locais à beira-mar, as segundas residências, bem como os equipamentos turísticos, vêm se multiplicando nas últimas duas décadas. Este fato provoca a alteração significativa da feição das praias, que perderam as características de vilas de pescadores, tornando-se localidades urbanas valorizadas pelo capital.

Esta porção do território foi valorizada, não somente devido suas características ambientais, mas principalmente porque este espaço foi ajustado à reestruturação do capital, motivada pela mudança de conduta da sociedade perante o marítimo. O litoral passou então a ser mercadoria, objeto de consumo preferido para o lazer, sobretudo do lazer cooptado pelo capital - o turismo.

A idéia do litoral como espaço de lazer, importada da Europa Ocidental do século XVIII, ganha força no Brasil no século XX e ultrapassa os limites da capital do Ceará, incluindo os municípios litorâneos. Esse processo de valorização dos espaços litorâneos, também chamado de "litoralização", implica, além do valor econômico, novos usos e mudanças de costumes, de símbolos e de desejos de uma sociedade que passa a consumir a natureza como mercadoria. Coriolano (2006, p. 167), analisando o processo de valorização e ocupação litorânea no Ceará, afirma que:

No caso específico do Ceará, até meados do século XX, a sua região costeira não era valorizada em termos de espaço urbano para o turismo. Apenas as atividades portuárias e de pesca artesanal ocupavam esse *locus*, além das ocupações de residências e de atividades socialmente marginalizadas, como a boemia, o artesanato e a cultura popular. Com a valorização do litoral e implantação de projetos financiados pelas agências financeiras internacionais e nacionais, a partir da década de 1980, esse lugar foi redirecionado para o lazer e o turismo.

A propagação do veraneio nas praias colocou em cena novos agentes que inseriram no espaço novas formas de uso, como as segundas residências, exigindo ação do poder público no que se refere à oferta de infra-estrutura urbana básica. Assim, a classe abastada tem papel preponderante no tocante às mudanças nos espaços litorâneos, na medida em que estes espaços passam a ser objeto de consumo de uma classe social economicamente privilegiada e que exerce forte influência sobre o governo.

Na década de 1980 a ocupação e os usos do litoral tornam-se ainda mais complexos, na medida em que a procura por este espaço se intensifica atingindo outras praias. Na década de 1990 é fortalecido o processo de reestruturação desse litoral com o surgimento de outro fenômeno que se espacializa como resultado das políticas públicas estaduais e ações da iniciativa privada, o turismo.

Assim, no final dos anos de 1980, o Estado do Ceará passou por um forte processo de reestruturação sócio-espacial e econômica, sendo o litoral contemplado com políticas públicas voltadas, sobretudo, à promoção da atividade turística. Dessa nova lógica política e econômica, que caracterizou o denominado “Governo dos Empresários”, surgiram vários programas com o intuito de desenvolver a atividade turística no Ceará, como por exemplo, o PRODETURIS, PRODETUR, Programa de Regionalização do Turismo, dentre outros, ressaltando-se que quase a totalidade dessas políticas concentrou suas atividades e recursos para o desenvolvimento do turismo na zona litorânea do Estado.

Com as políticas públicas e privadas direcionadas à estruturação da atividade turística, o Estado do Ceará destaca-se no contexto nacional como importante núcleo de turismo. No litoral cearense predominam ações voltadas para o turismo elitizado, que

exige infraestrutura urbana para alocação de empreendimentos de luxo, com implantação de *resorts* e condomínios de alto padrão.

Dessa forma, em meio a coqueirais, dunas, falésias, lagoas e objetos geográficos naturais de ambiente de praias tropicais cearenses, implantam-se e multiplicam-se os mega-empreendimentos de luxo, manifestando o caráter segregador predominante na formação desse espaço.

O modelo de turismo predominante volta-se para a reprodução do capital e culmina com número cada vez maior de mega-equipamentos voltados ao lazer de turistas de elevado poder aquisitivo, resultando em expressiva segregação sócio-espacial.

A paisagem natural está fortemente alterada pelo capital imobiliário e turístico que se apropriam daquele espaço. As placas indicativas de venda de imóveis expõem-se constantemente, fazendo as praias vitrinas de venda de imóveis como garantia de felicidade.

A partir de então, o turismo passou a ser um dos principais vetores da organização espacial da área litorânea do Estado, pois a diversidade de praias constitui um forte potencial para o desenvolvimento do segmento turístico denominado "Sol e Praia", de grande demanda, ocorrendo a integração das praias do Nordeste no círculo da produção e consumo capitalista.

Para analisar criticamente a atividade turística, suas contradições e seus impactos sócio-espaciais, deve-se ultrapassar o discurso que a reduz a uma mera atividade econômica. Sobre isso, Knafou (1996, 72) diz que “o turismo, complexa atividade humana que coloca em questão os desejos e as representações do mundo, é então reduzido a uma atividade econômica, criadora de empregos e lucrativa”. Dessa forma, deve-se compreender que o turismo envolve múltiplas e complexas dimensões.

O turismo é uma atividade que repercute e se manifesta em diferentes âmbitos: fenômenos relacionados com o meio; com a cultura de comunidades; com usos e costumes; com fenômenos econômicos, antropológicos, sociológicos, etc, esta multiplicidade de fenômenos se derivam da essência, do que é comum a todos eles. Essa essência reside em

três aspectos: tempo livre, recursos econômicos e necessidade de recreação (diversão para alívio do trabalho). Sem tempo livre, sem recursos econômicos e sem necessidade de recreação, não haveria turismo e, portanto, não existiria a multiplicidade de fenômenos que se originam dessa essência. (CENTENO 1992, p. 22)

Assim, na complexidade do fenômeno turístico estão inseridas contradições do sistema capitalista. Ele ultrapassa o econômico, envolvendo o âmbito das práticas socioculturais. Há a necessidade de ultrapassar a ideologia de que o turismo atua apenas como fonte de divisas, que gera emprego e renda para o lugar, que é a “redenção” para crises econômicas do Nordeste.

Diz Almeida (1996, p.189) que: “Paradoxalmente, no litoral, foram os fatores de beleza local que contribuíram para trazer o feio, a miséria e a desagregação das comunidades de pescadores, principalmente de suas atividades econômicas”. Ou seja, a mesma atividade que vem atraída pelas facilidades e riqueza natural, que se apresenta como fonte de emprego e renda para o local, é a que degrada o meio ambiente, exclui e segrega socialmente, descaracterizando a cultura de comunidades tradicionais.

É preciso entender o turismo como uma atividade que tem como “matéria-prima” o substrato espacial e as pessoas, ou seja, para que haja turismo, tem que existir espaço e sociedade. Daí porque o turismo interessa aos geógrafos porque mantém fortes relações com os espaços geográficos, na medida em que a prática turística para se realizar consome natureza, recursos naturais, cidades, territórios, paisagens, ou seja, materializa-se no espaço geográfico (Coriolano e Silva, 2005).

Compreensão de turismo e educação geográfica

No contexto em que se alerta para a necessidade da educação geográfica, no sentido da consciência espacial crítica da sociedade em que se vive, para a compreensão do turismo e seus rebatimentos no espaço cearense, adotou-se a aplicação de questionários como meio de obtenção de dados¹ para a análise aqui lançada.

A escolha da área para coleta de informações não foi ao acaso: vários estudos comprovam que a cidade de Fortaleza pode ser dividida em duas, Leste (rica) e Oeste (pobre). Com isso, fazer esta pesquisa junto à classe de elevado poder aquisitivo não

¹ Atente-se que os dados aqui tratados são iniciais, diante da magnitude que o tema oferece, apresentando-se como alerta e indicativo para a necessidade de posteriores reflexões e estudos.

demonstraria a real deficiência no tocante à educação geográfica da sociedade como um todo, já que os ricos (pequena parcela da população) podem pagar para obter uma educação mais completa, sem falar no fato de terem condições para praticar o turismo, conhecendo-o mais de perto. Dessa forma, escolheu-se um grande bairro periférico, do “lado oeste” da cidade, com significativos índices de pobreza, o bairro do Bom Jardim.

Com o objetivo de avaliar o nível de entendimento dos estudantes acerca de atividade turística, que é de grande significância para o Ceará, foi realizada pesquisa com alunos de ensino fundamental e médio. Inicialmente foram entrevistados 72 estudantes do ensino fundamental II (6º a 9º anos) de duas escolas da rede pública municipal. Para averiguar a noção que tinham sobre vantagens e/ou desvantagens do turismo, elaborou-se o questionário com apenas duas perguntas de nível bastante básico e elementar:

1ª – O que você entende sobre turismo (o que é turismo para você)?

2ª – O turismo é bom ou ruim para nosso Estado? Por quê?

Uma primeira e importante constatação foi a dificuldade que os alunos tiveram em expressar como entendiam o turismo, o que era o turismo para eles, pois mesmo que todos já tivessem ouvido falar na referida atividade, eles a tem como algo muito distante de suas realidades.

A grande maioria associou a atividade turística ao deslocamento para conhecer novos lugares, geração de emprego e renda e promoção do Estado. Dos 72 (setenta e dois), apenas 11 (onze) entrevistados apresentaram certa análise crítica, ao colocar que o turismo apesar de ter um lado bom, também possui efeitos negativos, como a degradação ambiental, tráfico de drogas e pessoas. Também citaram como problemática o frequente assalto aos turistas.

Interessante ressaltar algumas particularidades das respostas: um entrevistado do 7º ano colocou o turismo como sendo uma necessidade de todas as pessoas; outro da mesma série escreveu que o turismo é bom porque é uma fuga dos problemas; dois

alunos do 8º ano não souberam responder o primeiro questionamento, mas mesmo assim consideraram o turismo como algo muito bom;

Buscando maior embasamento empírico para avaliação do nível de (in)compreensão acerca do turismo no Ceará por parte dos estudantes, optou-se por para coleta de dados entre um público de idade mais avançada, verificando se ao longo dos estudos o nível de educação geográfica obtida melhoraria. Foram aplicados 16 questionários em uma turma de 8º do turno da noite, na modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos. Tendo em vista a maturidade da turma, já que idade dos alunos variava entre 17 a 46 anos, além das duas perguntas acima, foi inserido mais um questionamento com objetivo de sondar até que ponto eles entendiam o turismo como uma prática que exige certa condição socioeconômica. A pergunta incluída foi: Você faz turismo? Por quê?

Apesar de também apresentarem certa dificuldade em escrever o que entendiam sobre turismo, todos relacionaram esta atividade ao deslocamento para conhecer novos lugares. Na segunda pergunta todos responderam ser o turismo uma coisa boa, pois gera emprego e renda para o Estado, promovendo-o. Porém 5 (cinco) citaram a problemática da violência urbana de Fortaleza vinculada a assaltos a turistas e 1 (um) entrevistado citou a questão da exploração sexual realizada pelos visitantes.

Já na terceira pergunta todos responderam que nunca fizeram turismo. No entanto, o porquê do questionamento revelou a falta de senso crítico da maioria, na medida em que apenas cinco responderam que não fizeram turismo por falta de oportunidade – o que já se pode considerar estes possuem certa análise crítica, por compreenderem que as oportunidades não são iguais para todos. Desses cinco, apenas dois citaram claramente que não fazia turismo porque não tinham dinheiro.

Ainda neste grupo de entrevistados, além de terem vinculado o turismo a coisas boas, duas curiosidades devem ser registradas: dois relacionaram o turismo a pessoas felizes e outro à prática realizada por família, como podemos observar em suas respostas:

“O turismo é muito bom, muita gente fica feliz” (entrevistada, 32 anos)

“É bom, o turismo também traz muitas alegrias” (entrevistado, 46 anos)

“O turismo é um lance de família” (entrevistado, 17 anos)

Assim, a partir das pesquisas junto aos alunos, constatou-se que a prática do turismo, apesar de morarem em uma das maiores cidades turísticas do país, é algo longe de suas realidades, pois se trata de uma atividade voltada e realizada por outro tipo de público, ou melhor, de outra classe social. Todavia, o fato de não praticarem turismo não deve ser utilizado como justificativa para ausência de análise crítica desta atividade de grande influência econômica e sócio-espacial no Ceará.

Ainda na tentativa de avaliar o nível de entendimento dos educandos, buscou-se, então, uma escola estadual de educação profissionalizante que oferece o Ensino Médio Integrado (EMI) com cursos de nível técnico, inclusive de Turismo, no mesmo bairro do Bom Jardim. O intuito era verificar se através dessa educação², considerada a “menina dos olhos” do atual governo estadual, os estudantes de turismo estavam dotados de maior consciência socioespacial crítica acerca da atividade turística.

Acerca da relação entre educação e mercado, Vesentini (2001, p.17) analisa a educação e o ensino como instrumentos de dominação e/ou de libertação, mostrando que o sistema escolar moderno é estratégico para a reprodução da sociedade capitalista, mas ao mesmo tempo pode ser utilizado para transformação da situação vigente:

O ensino é funcional para o capitalismo moderno, mas, contraditoriamente, ele também é um agente de mudanças sociais e uma conquista democrática. Aliás, pode-se dizer o mesmo de outras instituições similares, como por exemplo a indústria cultural (obras de arte como mercadorias, livros, filmes, meios de comunicações etc.): ela foi criada pela reprodução capitalista e é parte inerente da mesma, mas ao mesmo tempo é igualmente uma possibilidade de e alargarem as fronteiras do possível, de se pensar o novo, de subverter a ordem das coisas.

Foram aplicados 17 (dezessete) questionários no 1º ano, 22 (vinte e dois) questionários no 2º ano e 23 (vinte e três) questionários no 3º ano do ensino médio

² Seria melhor dizer formação profissional ou simplesmente indústria da educação turística? Esse tipo de “educação” faz parte do discurso de modernização e geração de emprego no Ceará. Esse fato merece alerta para a necessidade de análise séria sobre este tipo de ensino, questionando se há uma formação profissional aliada ao despertar para compreensão crítica do mundo ou mera preparação de mão-de-obra barata para o mercado de trabalho.

integrado a turismo, totalizando 62 (sessenta e dois) alunos entrevistados. As perguntas realizadas foram as seguintes:

1. Sua visão de turismo mudou após ter ingressado no curso? Como era antes e como é agora?
2. O que o turismo representa para o Estado do Ceará?
3. O turismo apresenta algum aspecto negativo? Qual?
4. Qual sua expectativa para o mercado de trabalho?

Apesar da escola citada acima situar-se no mesmo bairro em que foram aplicados os demais questionários, como se trata de um curso onde os alunos estudam mais especificamente o turismo, as respostas foram, digamos assim, menos superficiais. Foi constatada uma pequena evolução das respostas de acordo com a série cursada, já que os alunos do terceiro ano além de terem vistos quase todas disciplinas de turismo da grade curricular do curso, alguns, inclusive, já se encontram em estágios em empresas do *trade* turístico.

Por suas respostas, os entrevistados do primeiro ano demonstraram ainda certa ingenuidade – para não dizer ausência mínima de senso crítico para a compreensão do fenômeno turístico. Na pergunta de número um, 16 (dezesesseis) responderam que a visão de turismo havia mudado, pois entraram no curso acreditando que turismo era só viajar; enquanto 1 (um) entrevistado respondeu que já sabia o que era turismo (apesar de sua visão ser tão acrítica quanto a dos demais). Também apenas um entrevistado respondeu não possuir grandes expectativas para o mercado de trabalho, na medida em que não pretendia continuar na área do turismo. Dois responderam que o turismo não apresenta aspecto negativo.

Os alunos do segundo ano apresentaram respostas um pouco mais completas, sendo que todos responderam que sua visão de turismo havia mudado, pois ingressaram no curso com o pensamento de que turismo era só viagem. Apenas 1 (um) dos 22 (vinte e dois) responderam não querer trabalhar na área do turismo. E todos citaram alguns aspectos negativos da atividade.

Já os alunos do terceiro os 23 (vinte e três) responderam ter sua concepção de turismo transformada, pois antes para eles turismo era sinônimo de viagem. Inclusive esta foi a mudança de visão citada por todos entrevistados das três turmas que responderam o primeiro questionamento de maneira positiva. Um dos alunos do terceiro ano respondeu que o turismo não apresenta aspecto negativo.

Dos 62 (sessentas e dois) entrevistados na escola de ensino médio profissionalizante, os aspectos negativos citados foram recorrentes. Aqui na ordem do mais citado ao menos citado: a relação da prostituição com a atividade turística, degradação ambiental/alteração das paisagens, violência/assaltos contra turistas, especulação imobiliária, desapropriação das comunidades receptoras e descaracterização da cultura local.

Além de a grande maioria apresentar ausência de senso crítico da realidade em que vivem e da própria área em que estão sendo “preparados” para trabalhar, o que mais se pôde comprovar através da pesquisa na referida escola é que esta modalidade de educação – a profissionalizante segue, sem dúvidas, a lógica dominante, a lógica do mercado. Ao responderem o segundo questionamento, foram unânimes, como se tivessem (e de certa forma foram) treinados pelo governo, pois reproduziram fielmente o discurso oficial ao colocarem o turismo como alavanca para o crescimento econômico e geração de emprego e renda no Ceará.

Nesse contexto, muitos responderam a pergunta sobre as expectativas para o mercado de trabalho, citando a construção do novo Centro de Eventos e a realização da Copa do Mundo de Futebol de 2014 como acontecimentos que ampliarão suas chances de inserção no mercado.

Paradoxalmente, dos 23 (vinte e três) alunos do terceiro ano, 4 (quatro) informaram não querer continuar na área de turismo, sendo também que grande o número de reclamações por parte de muitos a intensa jornada de trabalho para quem atua no turismo.

É nesse sentido que se insere a educação geográfica voltada para a atuação cidadã, consciência espacial e compreensão de mundo, em nível geral, e análise do turismo na (re)produção sócio-espacial do Ceará, em particular. A partir da educação geográfica pode-se analisar as contradições e potenciais de transformações positivas do

próprio sistema. A própria atividade turística, tipicamente capitalista, pode também ser realizada como importante prática de enriquecimento cultural e não com o objetivo da mera ampliação capitalista, como tem predominado na atualidade. Portanto, depende da educação e atuação cidadã dos agentes sociais envolvidos.

Considerações finais

A educação, entendida como processo social, não é neutra, pois é elemento constituinte das relações sociais, vinculando-se as determinações da sociedade vigente. Assim, se temos uma estrutura social dividida em classes, com interesses distintos, isso repercute na prática educativa.

É exatamente por isso que o atual processo educacional marcadamente materialista, por atuar como reprodutor e fortalecedor da sistema dominante que mantém a sociedade desigual e também por não priorizar os valores humanos, apresenta-se doente, em decadência, perverso. Dessa forma, torna-se urgente educar despertando para a vida a partir da compreensão de mundo. É nesse contexto que se insere a importância da educação geográfica, ou seja, despertar para uma consciência socioespacial crítica do mundo que se vive.

O breve estudo apresentado não teve como objetivo encerrar as reflexões acerca da temática, mas sim ressaltar a importância e urgência da educação geográfica e suas implicações para/na sociedade. Esta, com suas atividades, inclusive o turismo, apropria-se do espaço como mercadoria de grande valor. Presenciamos, assim, fortes desigualdades sociais que repercutem no espaço, com intensa segregação sócio-espacial.

Portanto, acredita-se que a atividade turística é um “prato” cheio para a promoção da educação geográfica, pois a partir dela pode-se analisar a sociedade atual, as contradições do sistema capitalista, a (re)produção sócio-espacial, cidadania, a exclusão de grupos sociais, confinamento territorial intra-muros das elites, elaborando reflexões acerca dos espaços públicos e privados, imaginário social, padrão de consumo, lazer-mercadoria, especulação imobiliária etc. Tantas são complexidades que envolvem a relação inevitável entre educação geográfica e análise do turismo que não se teve a

audácia de que com este breve estudo todas fossem esclarecidas. Não se buscou esgotar os questionamentos, pelo contrário, pretendeu-se alertar para a necessidade de mais estudos nessa temática de grande importância para a ciência geográfica.

Os resultados obtidos através da aplicação dos 150 questionários demonstraram a visão acrítica da grande maioria dos alunos, comprovando o poder da ideologia dominante, sobretudo nas regiões de maiores problemas sociais, como a área do Bom Jardim (bairro onde foram aplicados os questionários, local marcado pelo elevado índice de pobreza e violência), exatamente como estratégia para manter e fortalecer o sistema vigente.

Apesar do espaço cearense, sobretudo o litoral, ser fortemente marcado pelas características excludentes e segregadoras da atividade turística, mesmo assim foi possível notar o nível de alienação espacial dos educandos. Estes, mesmo morando em um estado turístico, não compreendem a realidade desta atividade e que faz destoar no Ceará os “espaços luminosos dos espaços opacos” (Santos e Silveira, 2008). A construção simbólica e o imaginário que elaboram sobre o turismo é de algo vinculado a belezas naturais e felicidade, mesmo sem se questionarem porque não possuem o direito de também usufruir desta “alegria” logo ali vizinha.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Turismo e os novos territórios no litoral cearense. In: RODRIGUES, Adyr B. **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BRABANT, Jean-Michel. Crise da geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino da Geografia?** 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 15-23.
- CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005.
- CENTENO, Rogelio Rocha. **Metodologia aplicada ao turismo**. São Paulo: Roca, 1992.
- CORIOLOANO, Luzia Neide M. T. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. Fortaleza: Ed. Annablume, 2006.
- CORIOLOANO, Luzia Neide e SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello. **Turismo e geografia: abordagens críticas**. Fortaleza: Ed UECE, 2005.

- DAMIANI, Amélia Luisa. A Geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 50-61.
- KNAFOU, Remy. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr B. **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MORAES, Antônio Carlos Robert de. Renovação da Geografia e filosofia da educação. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino da Geografia?** 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 118-124.
- NOGUEIRA, Valdir e CARNEIRO, Sônia. **Educação geográfica: formação da consciência espacial cidadã**. Disponível em: < <http://egal2009.easyplanners.info>>. Acesso em: 30/10/2010.
- SAMPAIO, Camila Freire. O turismo e a territorialização dos resorts: a Praia do Porto das Dunas como enclave em Aquiraz-CE. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: UECE, 2009.
- SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no século XXI**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- VESENTINI, José William. Educação e ensino da Geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001 p. 14-33.